

Pussy Riot – punk rock incendiário na Rússia

Flávia Lucchesi de Carvalho Leite¹

Virgem Maria, mãe de Deus, leve o Putin embora/ leve o Putin embora!/ leve o Putin embora!/ batina preta, dragonas [ombreiras de uniformes militares] douradas/ todos os paroquianos se curvam para rastejar/ o fantasma da liberdade está no céu/ e o orgulho gay foi enviado acorrentado para a Sibéria/ a cabeça da KGB, seu santo chefe dessa terra/ coloca manifestantes sob guarda/ e os leva para a prisão/ para que não ofendam sua santidade/ mulheres devem parir e amar/ merda!/ merda!/ a merda do Senhor!/ Virgem Maria, mãe de Deus, se torne feminista!/ Se torne feminista!/ se torne feminista!²

No dia 21 de fevereiro de 2012³, cinco integrantes da banda *punk Pussy Riot* subiram no altar da Catedral do Cristo Salvador, em Moscou, para apresentar essa reza *punk*. Impedidas por seguranças e fiéis, permaneceram apenas 40 segundos no altar, dançando e cantando: “Merda! Merda! A merda do Senhor!”.

Este acontecimento levou à prisão preventiva e, posteriormente, à condenação de três das cinco jovens envolvidas na ação a uma sentença dois anos de prisão nos chamados campos de trabalho – redimensionamento dos campos de trabalhos forçados que compunham o Arquipélago GULAG durante o socialismo soviético.

É a partir deste acontecimento que apresento aqui uma análise inicial da *Pussy Riot* (que tenho estudado em minha pesquisa de mestrado “*Riot Grrrl: metamorfoses e capturas de uma máquina de guerra*”, iniciada no começo deste ano) em sua luta contra pequenos fascismos, sociabilidades autoritárias e o mercado capitalista. Deste modo, a *Pussy Riot* apresenta-se aqui como uma resistência potente no interior da sociedade de controle.⁴

No dia 15 de outubro de 2011, Vladimir Vladimirovich Putin declarou sua candidatura às eleições presidenciais de 2012. No mesmo dia, um grupo de jovens russas inventou a banda *punk* feminista *Pussy Riot*.

Ao final deste mesmo mês, a banda acontecimentalizou⁵ em meio à mesmice do dia-a-dia moscovita. Neste primeiro concerto *punk*⁶, as *pussies* tomaram os meios de transporte – teto de ônibus e andaimes no interior da Estação Central de Metrô de Moscou – chamando uma revolta popular capaz não apenas de ocupar as ruas e praças, mas de “destruir o asfalto”⁷.

¹ Flávia Lucchesi de Carvalho Leite é pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) e no Projeto Temático FAPESP – *ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*; mestranda no Programa de estudos Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e bolsista CNPq com a pesquisa “*Riot Grrrl: metamorfoses e capturas de uma máquina de guerra*”.

² Trecho da música “Virgin Mary, put Putin away (punk prayer)” in *Let's start a pussy riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.43.

³ O dia foi escolhido intencionalmente, por ser dia de Malenitsa, festa cristã típica russa cuja tradição é usar roupas alegres e coloridas e dançar. Ver: <http://russiapedia.rt.com/of-russian-origin/maslenitsa/>.

⁴ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁵ “Uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo da mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma ‘singularidade’”. FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos vol. 4: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense, 2003; p.339.

⁶ Termo utilizado por Nadezhda Tolokonnikova, integrante da *Pussy Riot*, para se referir às ações do grupo.

⁷ Referência ao título da música, traduzida para o inglês como “Raze the pavement”. Disponível em: <http://freepussyriot.org/content/lyrics-songs-pussy-riot>. Último acesso em: 09/08/2013.

Olhe a migalha no balcão/ destrua a calçada/ nunca é tarde para se tornar uma dominatrix/ o cacete está carregado/ gritos ficam mais altos/ estenda os músculos de suas pernas e braços/ o policial está te lambendo entre as pernas.

Nos quatro meses seguintes as jovens fizeram mais quatro concertos: *Vodka Kropotkin* apresentado em vitrines de boutiques de luxo, no telhado de um *It Bar* e nas passarelas, ao interromperem um desfile de moda; *Morte à prisão, liberdade de protesto* apresentado nos muros vizinhos ao Centro de Detenção de Moscou; *Putin ficou assustado*, na Praça Vermelha e a já citada reza *punk*⁸.

Seus shows são sempre realizados em lugares ilegais, tanto privados quanto estatais. Desta maneira sua arte se torna acessível a todos, rompendo assim, tanto com o lucrativo mercado fonográfico e seus grandes espetáculos, quanto com a marginalidade restrita das cenas⁹ *punks*. “Nossa arte furiosa não tolera os guetos das galerias nem as arenas legais. Isso tudo é muito restrito se comparado às praças e cidades. Isso fecha o mundo em uma grande teia e penetra a mídia de massa, os *gadgets* e as manchetes.”¹⁰ Mesmo que não se queira ou que não se procure, o barulho do *punk rock* e as cores extravagantes das *pussy riots* irrompem em meio a vida cotidiana de quem transita por Moscou.

As *pussy riots* só se apresentam publicamente vestindo balaclavas e roupas muito coloridas, ou como elas costumam dizer, com “cores ácidas”. Em um de seus depoimentos ao tribunal, Nadezhda Tolokonnikova, contou que, de início, elas pretendiam usar balaclavas escuras, mas que acabaram decidindo pelas cores ácidas por que “Nós trazemos alegria para o mundo (...) nós somos brincalhonas, bobas, palhaças completas”¹¹. A balaclava não é usada como disfarce ou adorno alegórico, ela não permite que se foque na imagem pessoal de cada uma das garotas e as matem anônimas. Este anonimato pode ser lido como uma estratégia para se evitar a captura do mercado, evitando que se venda a imagem das garotas, e das instituições do Estado, uma vez que suas ações transitam no limiar entre a legalidade e a ilegalidade. Foi este anonimato que permitiu que duas das integrantes que participaram do concerto na Catedral conseguissem escapar da Rússia.

Kathleen Hanna, uma das inventoras do movimento *riot grrrl* – vertente feminista do *punk* que eclodiu em meados da década de 1990 no estado de Washington nos Estados Unidos – certa vez deu uma entrevista para a televisão usando uma balaclava. Em entrevista recente ao site *pitchfork*, Hanna falou sobre a importância da *Pussy Riot* e sobre seu apoio a soltura das integrantes presas. Nesta entrevista ela relembra o uso da balaclava, “Foi a minha patética tentativa de mostrar que o *riot grrrl*

⁸ Depois desses concertos, as *pussies* divulgaram o vídeo de *Putin ascende o fogo* gravado logo após a condenação, em um galpão abandonado no qual as duas integrantes descem pela parede, presas por equipamentos de segurança para escaladas e ateiam fogo a um pôster de Putin. Recentemente, divulgaram o vídeo *Como em uma prisão vermelha*, gravado em uma usina petroleira e que tem como alvo os grandes negócios da indústria petroleira russa. Ver:

<http://www.theguardian.com/commentisfree/2012/aug/20/pussy-riot-new-single-lyrics> e

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/07/1311752-pussy-riot-lanca-video-atacando-industria-de-petroleo.shtml>.

Últimos acessos em: 09/08/2013.

⁹ “Uma das palavras mais pronunciadas pelos *punks* (e por suas vertentes, sendo muito utilizada pelas *riot grrrls*), designa o ambiente em que estes circulam. Assim, a ‘cena’ é composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos *punks*, pelas distros [distribuidoras] que distribuem material *punk* e, obviamente, pelos próprios *punks*, como na expressão ‘fulano(a) faz parte da cena’ O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. Tradução de Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005; p.185.

¹⁰ *Pussy Riot*. “Manifesto *Pussy Riot*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.12.

¹¹ Trecho extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

não tinha líderes, porque todos diziam que eu era a líder. E eu não queria que os olhares estivessem focados em mim.”¹²

O movimento *riot grrrl*, por ser contrário às lideranças, é também uma das procedências das *pussy riots*.

Muito do crédito vai para o Bikini Kill [banda da qual Kathleen Hanna foi vocalista e uma das criadoras] e as bandas da cena *Riot Grrrl* — de certa maneira nós desenvolvemos o que elas fizeram nos anos 90, embora o contexto seja absolutamente diferente, e com uma postura exageradamente política, o que leva todos os nossos shows a serem ilegais — nunca fizemos um show num clube ou em qualquer espaço especial para música. Esse é um princípio importante para nós.¹³

Outra importante procedência das *pussies* é o grupo conterrâneo *Voina*, do qual apreenderam a tática de ação-artística-ilegal de rua. Assim como o *Voina*, as *pussy riots* filmam suas ações, editam as filmagens e as postam na internet. Duas das três integrantes presas, Nadezhda e Ekaterina Samutsevich, foram associadas ao *Voina* e participaram de importantes ações do grupo. Como no caso da *Operação beijando lixo*, na qual Nadezhda e Ekaterina, junto a outras jovens, agarraram e beijaram policiais mulheres dentro de estações e vagões de metro; e da ação no Museu de Biologia de Moscou na qual casais fizeram uma orgia – dentre eles Nadezhda e seu parceiro Pyotr Verzilov – satirizando o pedido do então presidente, Dmitry Medvedev, a cerca de medidas de controle da taxa de natalidade no país. Na época, Nadezhda estava grávida de oito meses. Este fato foi um dos agravantes utilizados pela acusação no tribunal e pela mídia russa no intuito de endossar a necessidade de punição e encarceramento das garotas.

Assim como as *pussies*, integrantes do *Voina* também foram alvos das instituições punitivas russas.

a caçada

Logo após a acontecimentalização na Catedral, fiéis ortodoxos se articularam para pressionar a opinião pública e as autoridades a punir as jovens envolvidas. Membros dos Carregadores da Cruz, em entrevista concebida para a realização do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*, de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner, apontam Nadezhda como líder demoníaca do grupo que planeja destruir a Igreja e o Estado.

“Nós realmente temos que lutar contra *Pussy Riot* (...) No século XVI elas seriam queimadas, mas a Igreja Ortodoxa é benevolente (...) Nós iremos puni-las usando a lei.”¹⁴ afirmou um dos carregadores. Ao que outro membro do grupo acrescentou “Se tivessem ido a uma mesquita isso teria acontecido [faz gesto de decapitação] a todas as *punks*”¹⁵.

¹² Disponível em: <http://pitchfork.com/news/47516-interview-kathleen-hanna-on-pussy-riot/>. Último acesso em: 09/08/2013.

¹³ Disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/conheca-o-pussy-riot. Último acesso em: 09/08/2013.

¹⁴ Trecho extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

¹⁵ Idem.

Vale lembrar a declaração do ator francês Gerard Depardieu, logo após conseguir asilo político e cidadania russa: "Imagine se essas meninas tivessem ido, por exemplo, a uma mesquita. Não teriam saído vivas. Até no mundo católico isso teria sido terrível. Mas quando digo isso na França, me consideram um idiota (...) Infelizmente as massas são tolas, só a personalidade

Junto a outros fiéis, os carregadores saíram em protesto nos arredores da Catedral. Muitos reclamavam que por mais de setenta anos não puderam praticar suas crenças. O protesto terminou com uma grande missa diante da Catedral celebrada pelo Patriarca Kirill que apelou: “Nós não temos futuro se rimos dos lugares sagrados. Nenhum fiel deve dizer ‘isso não me diz respeito’”¹⁶.

Após a imediata reação da Igreja e de seus fiéis, a imprensa russa passou a veicular ainda mais notícias relacionadas ao caso. Na maioria das vezes, eram chamados comentaristas líderes religiosos e críticos de arte; estes últimos enfatizando a falta de talento e a infantilidade das jovens. Nos programas de televisão se ouvia afirmações como “elas estão fazendo o mesmo que os bolcheviques fizeram nos anos 20 e 30”; “elas são revolucionárias, são demônios reais. Elas querem mudar nosso estilo de vida”¹⁷.

Além de induzir a construção das *pussy riots*, ora como criminosas ora como idiotas sem talento – duas construções já comuns à imprensa sobre o *punk*, associado a criminosos quando a sua aparição na metade da década de 1970 na Inglaterra, e as *riot grrrls* tidas como adolescentes sem talento ou perigosas femi-nazis no início da década de 1990 nos Estados Unidos – a mídia russa atuou no sentido de auxiliar a polícia a encontrá-las. O jornal *The Moscow Times* publicou em seu *twitter*: “a polícia procura por outras participantes da performance na Catedral. Membros desconhecidas da *#Pussy Riot* estão a solta”¹⁸.

Este incentivo à denúncia fez aumentar a vontade de castigo também em suas formas exteriores à lei, manifestas por pequenos fascismos. Anna Zobrina, do grupo de apoio às *Pussy Riots*, conta que veiculava-se: “‘ache, estupre e queime essas putas’ era uma postagem típica em blogs da internet”¹⁹. Também foram registrados confrontos violentos de policiais e da população civil contra manifestantes a favor das *pussy riots*; além de ameaças aos parentes das jovens²⁰.

Em seu último depoimento, após a sentença, Maria Alyokhina aproximou a vida na prisão à vida fora dela. Afirmou que a maioria das pessoas, na Rússia, são amorfas, obedientes e que não sabem lidar com seus problemas sem reportarem-se para alguma autoridade; na prisão se dirigem aos chefes – sejam eles outros prisioneiros ou funcionários da instituição – e fora dela, se dirigem ao “top chefe”, Vladimir Putin.

Alyokhina falou em um “vazio de iniciativa individual” que comporta somente a denúncia, “a denúncia prospera junto com a suspeita mútua”.²¹ A delação, base fundamental dos regimes fascistas, se apresenta como prática de governo de cada um sobre os outros revestida de denúncia. Nas democracias recentes, combinada à constante convocação a participação, a denúncia engendra a conduta dos cidadãos preocupados com a incessante melhora da própria democracia e com a garantia de suas seguranças.

é formidável, ainda mais quando é intrépida”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1214237-depardieu-declara-apoio-a-putin-e-defende-prisao-de-ativistas-do-pussy-riot.shtml>. Último acesso em: 09/08/2013.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Trecho extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

¹⁹ ZOBRIINA, Anna. “Introdução ao livro *Let’s Start a Pussy Riot*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.15.

²⁰ Ainda neste sentido, em seu texto “A atualidade do abolicionismo penal”, Edson Passetti analisa formas de castigo exteriores e complementares à lei, “O medo que sentem dos que consideram inferiores somente pode ser superado pela atuação incessante da máquina repressiva do Estado, conjugando mais do que o aumento de punição, mas prisão perpétua e pena de morte, e adesão explícita a esquadrões de justiceiros”. PASSETTI, Edson. “A Atualidade do abolicionismo penal” in *Curso livre de abolicionismo penal*. Organização de Edson Passetti. Rio de Janeiro: Revan, 2004; pp.22-23.

²¹ ALYOKHINA, Maria. “*Pussy Riot*: Court Statements” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.39.

Pode-se dizer que a denúncia engendra o duplo recompensa-castigo o qual alicerça a punição. Essa é uma das formas de funcionamento do regime dos castigos mostrada por William Godwin, um dos precursores dos anarquismos e do abolicionismo penal, ainda no século XVIII.

Godwin mostra, a partir do liberalismo utilitarista inglês, que a Ciência Política apresenta como questão fundamental a punição, sustentada pela prevenção geral e pelo castigo. Castigo este aplicado primeiramente nas relações familiares, exercido pelos pais sobre seus filhos, sobre as crianças e jovens, e que tem por base uma educação fundada no medo.

Ao questionar o liberalismo utilitarista, Godwin mostra que o Estado, ao definir a sua justiça, é a expressão de que o mal prepondera sobre o bem e a dor sobre o prazer. Este Estado é sustentado por um direito baseado na punição e na injustiça, uma vez que, a liberdade dos homens de poder ir aonde quiser é aprisionada em um território, a um Estado e em identidades. O governo desse Estado é possível somente por meio da submissão forçada ou consentida.

o tribunal e a construção de um crime

A Catedral do Cristo Salvador foi construída no ano de 1812 a partir de doações financeiras de fiéis. Depois da revolução de 1917 os bolcheviques implementaram políticas anti-religiosas que culminaram, em 1931, durante o governo de Stálin, na demolição da Catedral. No local, foi construída uma piscina pública. Após a queda do muro de Berlim e o fim da União Soviética, a Catedral foi reconstruída.

Em seu depoimento, após recusar a conduta esperada de réu negando demonstrar arrependimento e elencar circunstâncias que pudessem atenuar a sentença, Ekaterina explicou o porquê de o concerto ter sido nessa igreja. Ela conta que depois que Putin nomeou Kirill, seu colega nos tempos em que ambos serviam a KGB, líder da Igreja Católica Ortodoxa Russa “a Catedral do Cristo Salvador começou a ser usada, abertamente, como cenário chamativo para políticos das forças de segurança”²². Fato este que atingiu seu apogeu quando, às vésperas das eleições de 04 de março de 2012, Kirill veio a público pedir que os católicos votassem em Putin. E acrescentou: “Se tivéssemos cantado ‘Virgem Maria, proteja o Putin’ ou ‘Virgem Maria, não se torne uma feminista’, não estaríamos aqui”²³.

Deste modo, tanto em seu depoimento quanto em outros de Nadezhda e de Maria, ressalva-se o caráter político da ação que buscou escancarar as relações entre Igreja e Estado. “Nossa motivação foi puramente política e artística”²⁴, afirmou Nadezhda diante das acusações de que se tratou de um crime de “incitação do ódio religioso”.

Inicialmente, as *pussies* foram presas sob a condenação de blasfêmia. Contudo, desde 1918, quando o governo bolchevique declarou a separação entre a Igreja Católica e o Estado, não existem leis proibitivas a cerca da blasfêmia. Sendo assim, as garotas foram detidas sob a acusação de “vandalismo e incitação do ódio religioso”. Neste sentido, Anna Zobrina sinaliza: “A acusação busca incriminar as mulheres de tudo o que, de acordo com as sagradas tradições, poderia constituir blasfêmia; traduzida em termos legais como ‘vandalismo’”²⁵.

²² SAMUTSEVICH, Ekaterina. “*Pussy Riot: Court Statements*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.30.

²³ Trecho extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

²⁴ TOLOKONNIKOVA, Nadezhda. “*Pussy Riot: Court Statements*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.34.

²⁵ ZOBRIINA, Anna. Op.Cit.16.

A blasfêmia, por definição: “ultraje a algo considerado sagrado, a uma divindade ou religião”, é redimensionada em vandalismo, “ato de destruição gratuita e injustificável de bens privados ou públicos”. Se analisada, a ação das *pussy riots* na Catedral se notará que não houve destruição de bens, mas não é a veracidade dos fatos que interessa aqui, mas a construção de uma verdade²⁶ solidificada, em ambos os casos, com base em uma moral. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault mostra que as leis, antes de se tornarem leis de fato, encontram-se fixadas na moral e, portanto, introjetadas na conduta da maioria.

As bases da lei, assim como os preceitos religiosos, encontram-se na moral. O anarquista russo, Mikhail Bakunin, ao redigir seu escrito “O princípio do Estado” no século XIX, mostrou aproximações importantes entre o Estado e as religiões monoteístas. Sobre a moral do Estado, esta grande abstração da imaginação humana tal qual as religiões e divindades, constatou: “O Estado não reconhece outra virtude. Tudo o que lhe serve é bom e tudo o que é contrário a seus interesses é declarado criminoso. Tal é a moral dos Estados.”²⁷

A partir das considerações de Bakunin, podemos pensar em um duplo indissociável Estado-religião, mesmo que tanto se fale – e muito foi dito a respeito nesse julgamento em especial – em Estado laico ou secular.

A cada uma dessas ficções [religiosas] corresponde, sabe-se perfeitamente, alguma realidade monstruosa; assim, o amor celeste não teve nunca outro efeito que o ódio terrestre, a bondade divina só produziu o mal, e a liberdade de Deus significa a escravidão aqui embaixo. Veremos de imediato que o mesmo acontece com todas as ficções políticas e jurídicas, pois tanto umas quanto as outras são, por outra parte, conseqüências ou transformações da ficção religiosa²⁸.

Não somente a lei e o crime passam por um crivo moral e religioso, todo o funcionamento do tribunal se fixa sobre bases religiosas.

“Os investigadores nos disseram, repetidas vezes, que se nós aceitássemos a culpa, nós poderíamos ser soltas. Nós recusamos. Se nós admitirmos a culpa sob o artigo 231, nós estaremos sendo incoerentes com nós mesmas”²⁹.

As três *pussies* se recusaram a assumir culpa ou demonstrar arrependimento, aceitar desculpas das autoridades ou pedir desculpas a elas ou à sociedade. Aos fiéis ofendidos, reiteraram não ter se tratado de uma ação anti-religião, ateuista ou impulsionada por ódio religioso, mas sim de uma ação política. Ainda aos fiéis, disseram sentir muito por terem gerado tanto desconforto, o que não era a intenção, e também sentir muito pelo fato deles não terem “entendido bem” sua arte.

Em seu escrito “De crimes e punições”, William Godwin mostrou que o perdão, com sua base moral e religiosa, é o princípio da tirania e da dívida eterna e faz funcionar o regime do castigo e da confissão.

Um sistema de perdões é um sistema de escravidão imitigada. Sou ensinado a esperar um certo evento desejável, a partir do quê? Da clemência: a descontrolada, imerecida bondade de outro mortal. Pode uma lição ser mais degradante? O servilismo pusilânime do homem que se devota com

²⁶ FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

²⁷ BAKUNIN, Mikhail. “O princípio do Estado” in Revista *Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2011, vol.11; p.51.

²⁸ Idem, p.61.

²⁹ TOLOKONNIKOVA, Nadezhda. Op. Cit.; p.27.

obsequiedade eterna a outro, porque esse outro, tendo começado a ser injusto, estagna-se em sua carreira, o ardor com o qual confessa a justiça de sua sentença e a enormidade de seus merecimentos constituirão uma fábula que épocas futuras acharão difícil de entender³⁰.

Godwin foi adiante ao afirmar que toda legislação punitiva reduz todos a uma massa de covardes. Pode-se dizer, neste sentido, que o perdão faz funcionar uma relação de assujeitamento³¹, na qual um ser se mostra e se exerce mais grandioso sobre outro, menos virtuoso ou errante.

afronta ao tribunal

Durante todo o julgamento, frente à acusação de que escondiam os reais motivos que as levaram ao concerto na Catedral, Nadezhda, Ekaterina e Maria reiteraram estarem dizendo a verdade. Dizer a verdade, para elas, não está relacionado a um pronunciamento final, ao inquérito incontestável ou que se proponha universal. Dizer a verdade, o que por elas é posto como um “princípio ético”, é ser coerente com seus pensamentos e estilos de vida, mesmo diante do risco.

“Nós podemos dizer o que quisermos e nós dizemos tudo o que queremos. A acusação pode apenas dizer o que lhes é permitido pela censura política. Eles não podem dizer ‘reza *punk*’, ‘Virgem Maria, leve o Putin embora’, eles não podem pronunciar um só verso da nossa reza *punk* que trate do sistema político”³² afirmou Nadezhda em seu depoimento final, no último dia do julgamento.

A afronta das garotas ao tribunal, às autoridades e aos fascistas apresenta-se com coerência ao estilo de vida e ao posicionamento político delas. Por estilo de vida, entende-se o que Michel Foucault mostrou ser e estar circunscrito à vida e à prática de si do parrasiasta. Daquele que pronuncia uma verdade sob a condição de risco; daquele que anuncia uma verdade, não somente enquanto uma opinião pessoal, mas uma verdade a qual ele se liga – “a ela e por ela”³³. Trata-se de uma “atitude, uma maneira de ser que se aparenta à virtude, uma maneira de fazer”³⁴.

As *pussy riots* pronunciam suas verdades sem medo, peitando a burguesia ao som de Vodka-Kropotkin, as autoridades políticas e religiosas na Praça Vermelha e na Catedral e as polícias, com a coragem de gritar a urgência da morte das prisões.

Para que haja parrésia (...) o sujeito, [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja parrésia é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência³⁵.

³⁰ GODWIN, William. “De crimes e punições” in *Revista Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2004, vol.5; p.83.

³¹ FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos vol. 4: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

³² TOLOKONNIKOVA, Nadezhda. Op. Cit.; p.33.

³³ FOUCAULT, Michel. *A coragem de verdade: o governo de si e dos outros II*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011; p.12.

³⁴ Idem, p.15.

³⁵ Ibidem, p.12.

Foucault mostra que a parrésia pressupõe, não só a coragem de dizer a verdade, mas a coragem de ouvi-la e aceitá-la como tal. Um tribunal não comporta uma relação entre parresiastas. A parrésia não acontece em relações verticais de poder que exigem uma autoridade fixa e o assujeitamento. Portanto, a parrésia, nesse sentido aqui apresentado, pode ser entendida como uma atitude política própria às relações e aos indivíduos libertários.

do totalitarismo à democracia – a continuidade do Estado, da polícia e da prisão

Em seus depoimentos, Maria e Nadezhda citaram nomes importantes da literatura russa e da filosofia que foram encarcerados, como elas, por pronunciarem verdades insuportáveis ou terem estilos de vida inaceitáveis. Maria citou Nikolai Berdyaev, filósofo e cristão existencialista, condenado à prisão por blasfêmia, em 1913, ao criticar o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Católica Russa. Nadezhda citou Dostoyevsky, condenado a quatro anos de prisão na Sibéria, seguidos de serviço militar, por “declarações insolentes contra a Igreja Ortodoxa e o governo” em 1849. Nadezhda também citou Sócrates e Jesus, este último condenado pelos judeus pelo crime de blasfêmia.

A cerca das punições durante o regime Soviético, não citaram nenhum caso específico, mas recorrentemente fizeram referências ao período do Grande Terror (década de 1930, especialmente o ano de 1937).

Emma Goldman, anarquista lituana que depois de exílio nos Estados Unidos voltou à Rússia após a revolução bolchevique de 1917. Ela conta em seu escrito “Minha outra desilusão na Rússia” a dura perseguição aos anarquistas, posta já na gestão de Lenin. Os anarquistas eram presos, e até mesmo executados, sem nenhuma acusação a não ser o fato de serem anarquistas como foi o caso de Fanya Baron, que havia escapado da prisão de Ryazan alguns meses antes, e Lev Tcherny dois dos anarquistas russos mais conhecidos mortos pelo regime.

Quase todo anarquista conhecido tinha sido preso (...) a masmorra de Romanov estava novamente servindo aos velhos propósitos, até mesmo confinando alguns dos revolucionários que ali haviam sido encarcerados anteriormente. (...) Moscou estava muito agitada por essa ressurreição dos piores métodos de encarceramento do czarismo³⁶.

Atualmente, na recente democracia russa, não são somente as *pussies* que enfrentam a violência da polícia e as prisões, mas outros chamados “presos políticos” – o que não existe, pois “a seletividade é a política do sistema penal: não há crime que não seja político”³⁷ – são encarcerados por enfrentarem a preponderante sociabilidade autoritária russa. Cito o caso dos integrantes do *Voina*, presos em 2010 e de Irina Lipskava, jovem anarquista presa em julho do ano passado por ter participado de um assalto a um evento nazista no *Barrikada* (clube em Moscou). Sua acusação inclui: “vandalismo, cometido por um grupo com intenção preliminar” e “envolver menores em crime de ódio”, com sentença semelhante à das *pussies*.

Frente aos fatos apresentados aqui, vemos a conservação do regime castigo, desde a Inquisição Medieval até a atualidade da prisão na democracia, na qual os mais fortes exercem sua força sobre os mais fracos e considerados inferiores encontrando, na maioria das vezes, seus silêncios e assujeitamentos. “Um silêncio que reconhece o poder do mais forte, do superior diante dos menores

³⁶ GOLDMAN, Emma. “Minha outra desilusão na Rússia” in *Revista Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2004, vol.5; pp.110-111.

³⁷ PASSETTI, Edson. Op.Cit.; 27.

mais fracos, tal como dispõem as práticas de uma sociabilidade autoritária”³⁸, sociabilidade esta contra a qual estes subversivos, alvos das polícias e de suas prisões, se voltam.

No entanto, a repercussão do julgamento e da condenação das três integrantes da *Pussy Riot* suscitou, tanto dentro da Rússia quanto fora dela, debates acalorados em defesa da democracia.

Fora da Rússia, grandes celebridades³⁹ acalentaram o debate a cerca da prisão das *pussies*, atraindo a atenção do ocidente para o caso. Entendendo-as como “presas políticas”, reduziram a situação política posta neste caso a uma perseguição a artistas e um golpe certo na liberdade de expressão.

Diplomatas de países como Estados Unidos e Alemanha, além de representantes da União Europeia, criticaram a condenação que consideram “desproporcional” e incompatível com uma democracia. O primeiro país a se pronunciar oficialmente a respeito da condenação foi os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que pronunciavam se tratar de uma punição “desproporcional para uma democracia”, dezenas de manifestantes eram levados à delegacia por conta de um protesto, contra a prisão das jovens, em frente à embaixada russa na cidade de Nova Iorque.

Dentro da Rússia, e de ambos os lados, pode-se notar a presença do fantasma de mais de meio século de Ditadura do Proletariado. Advogados da defesa afirmaram durante todo o julgamento que nada havia mudado desde aquele período, ou seja, o direito penal depende da invariância dos regimes políticos. Fora do tribunal, manifestantes contrários à prisão das garotas gritavam: “é 37 novamente?”, em referência ao período do Grande Terror de Stálin. A questão apareceu até mesmo nos depoimentos das garotas, “essa desculpa é pobre para um processo judicial, se aproxima à troika [comitê de três membros] de Stálin”⁴⁰.

Esquecem-se de que a democracia é uma forma de governo que fortalece a existência do Estado e de suas instituições, dentre elas o tribunal e a prisão. Desta maneira, a democracia dá continuidade ao regime dos castigos e à seletividade penal, inerente ao próprio sistema penal. O Estado continua a determinar o crime a partir da sua moral e daquilo que não lhe é útil ou que lhe é perigoso. “Apesar do fato de que nos encontramos em uma situação essencialmente autoritária, vivendo sobre o domínio autoritário, eu vejo esse sistema desintegrando-se diante de três membros da *Pussy Riot*”⁴¹.

Do outro lado, católicos, putnistas, conservadores e a maior parte da opinião pública russa alegam que a *Pussy Riot* se aproxima do stalinismo e que são contrárias à liberdade religiosa. “As liberdades de fala e expressão artística têm seu lugar, mas devem ser exercidas legalmente. (...) O movimento *Pussy Riot* causou danos irreparáveis ao liberalismo”⁴² afirmaram os advogados da acusação. Segundo eles, esse dano irreparável foi o fato delas terem aberto caminho para manifestações fascistas definidas como: “quem não ouve as opiniões dos outros” (SIC)⁴³. Instaura-se a falência das designações das palavras e conceitos em arremedo para a ordem: os fascistas são *as outras*.

Também do lado da acusação não cabem alegações stalinistas. Quando afirmam que a liberdade tem seu lugar e deve ser exercida legalmente, falam no interior do pensamento liberal. O ataque a Catedral pode ser entendido como um ataque à propriedade, como os fiéis disseram “à nossa Catedral”, e é a propriedade o parâmetro limitador da liberdade e de sua segurança no liberalismo.

³⁸ Idem; 19.

³⁹ Ver: <http://www.opais.co.mz/index.php/cultura/82-cultura/26372-mais-de-100-artistas-defendem-pussy-riot.html>. Último acesso em: 09/08/2012.

⁴⁰ TOLOKONNIKOVA, Nadezhda. Op. Cit.; p.32.

⁴¹ Idem, idem.

⁴² Trecho extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

⁴³ Idem.

O francês Pierre-Joseph Proudhon, o primeiro a se declarar anarquista, mostrou no século XIX como a propriedade é a base para o direito, sendo ela o bem supremo a ser salvaguardado e seu possuidor o mais forte dentro da seletividade penal.

Proudhon, ao analisar os regimes das séries liberdade – democracia e anarquia – e autoridade – monarquia e anarquia ou comunismo – mostra que, em nenhum deles, há a supressão completa da liberdade ou da autoridade. “A autoridade e a liberdade se alternam como que por uma espécie de polarização; que a primeira declina insensivelmente e se retira, enquanto a segunda cresce e se mostra”⁴⁴.

A democracia, enquanto regime da série liberdade propicia o aumento dos espaços de liberdade. Uma atitude política de parresiasista, como no caso das *pussies*, atua no sentido de multiplicar estes espaços. De outro lado, essa liberdade da democracia abre flanco para a emergência de fascismos e, no limite, a reviravoltas totalitárias.

Diferente do que colocaram os advogados da acusação, “o fascismo, enfim, acaba sendo a exceção tolerada pelo liberal diante de uma radicalidade liberadora”⁴⁵ o que pode ser constatado, a partir da análise apresentada até aqui, pela condenação das três integrantes da *Pussy Riot*.

Em seu Manifesto, as *pussy riots* brandam: “Nossos microfones e guitarras atravessam o vácuo de passividade que nos envolve. (...) Nossa sede por liberdade derruba os muros das prisões (...) Nós declaramos o aborto do fascismo!”⁴⁶.

Para além de tudo o que já foi colocado a cerca do grupo, estes trechos selecionados do *Manifesto Pussy Riot* vem de encontro com alguns princípios redigidos por Michel Foucault ao escrever o prefácio à edição estadunidense do livro *O Anti-Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, no qual elenca sete princípios essenciais do que pode ser lido como, nas palavras do próprio filósofo, “um guia da vida cotidiana [não-fascista]”. Foucault fala em uma ação política liberada do unitarismo, da centralização, de hierarquias; em detrimento de uma ação múltipla, positiva, nômade, que ao invés de negar ou uniformizar diferenças as afirma em sua máxima potência e em seu caráter único. Fala ainda, no combate às “categorias do Negativo” expressas pelas leis e limites. Afirmando a positividade do humor, também bastante presente na *Pussy Riot*, alerta: “Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável.”⁴⁷

Com humor, revolta, coragem e grande apreço pela vida livre as *pussy riots* seguem em sua luta contra a sociabilidade autoritária e os pequenos fascismos na Rússia. Afirmando outra possibilidade de ação política e, em meio a morosidade das atuais marchas e ocupações, inventam novas linhas de fuga resistentes diante da sociedade de controle.

– Pussy Rajt – dizia o policial durante o inquérito até ser interrompido por Nadezhda

– Ri-ot – corrigiu, soletrando pausadamente – Não tema essa palavra como o resto do governo.

(o policial questiona a tradução)

⁴⁴ PROUDHON, Pierre-Joseph. “Do contrato político” in *Proudhon*. Organização de Edson Passetti e Paulo-Edgar A. Resende. São Paulo: Ática, 1986; p.92.

⁴⁵ PASSETTI, Edson. Op.Cit.; 24.

⁴⁶ *Pussy Riot*. “Manifesto *Pussy Riot*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013; p.13.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. “O anti-édipo: uma introdução à vida não-fascista” in *Cadernos de Subjetividade*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1, n.1; 1993; p.200.

– Tumulto.
 Destruição.
 Revolta.⁴⁸

BIBLIOGRAFIA

ALYOKHINA, Maria. “Pussy Riot: Court Statements” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013.

BAKUNIN, Mikhail. “O princípio do Estado” in Revista *Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2011, vol.11.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos vol. 4: Estratégia, Poder-Saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

_____. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A coragem de verdade: o governo de si e dos outros II*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. “O anti-édipo: uma introdução à vida não-fascista” in *Cadernos de Subjetividade*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1, n.1; 1993.

GODWIN, William. “De crimes e punições” in Revista *Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2004, vol.5.

GOLDMAN, Emma. “Minha outra desilusão na Rússia” in Revista *Verve*. São Paulo: Nu-Sol, 2004, vol.5.

O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. Tradução de Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PASSETTI, Edson. “A Atualidade do abolicionismo penal” in *Curso livre de abolicionismo penal*. Organização de Edson Passetti. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

PUSSY RIOT. “Manifesto *Pussy Riot*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013.

PROUDHON, Pierre-Joseph. “Do contrato político” in *Proudhon*. Organização de Edson Passetti e Paulo-Edgar A. Resende. São Paulo: Ática, 1986.

⁴⁸ Trecho de interrogatório com Nadezhda Tolokonnikova. Extraído do documentário *Pussy Riot – a punk prayer*. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.

SAMUTSEVICH, Ekaterina. “Pussy Riot: Court Statements” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013.

TOLOKONNIKOVA, Nadezhda. “Pussy Riot: Court Statements” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013.

ZOBRINA, Anna. “Introdução ao livro *Let’s Start a Pussy Riot*” in *Let’s start a Pussy Riot*. Organização de Jade French e Emely Neu. Londres, 2013.

Vídeos:

Pussy Riot – a punk prayer. Direção de Maxim Pozdorovkin e Mike Lerner. Inglaterra/Rússia: HBO Films, 2013.